

**Madeirense foi anfitrião do DIÁRIO durante a estadia em Cabo Verde, no âmbito da missão solidária “Juntos por Sorrisos”.
FOTOS DR**



os bombeiros são a base da protecção de uma população. No ano passado, quando houve as enxurradas, fizeram muito com aquilo que tinham, mas, se dispusessem de mais meios, teria sido muito mais fácil chegar às pessoas.

Todos os meses pedem ajuda. Eu próprio já publiquei apelos para conseguir material de desencarceramento, auto-bombas, bombas e outros equipamentos. Tudo aquilo que na Madeira possa já estar obsoleto continua a ser importante aqui, porque simplesmente não existe. Tudo isso ajudará a população e os bombeiros de São Vicente, que são a única corporação para uma ilha inteira. Além disso, têm uma forte vertente social e estão muito próximos da população. Muitas vezes não conseguem actuar com a rapidez e o profissionalismo que desejariam porque lhes faltam condições.

Ao longo dos últimos dias ouvimo-lo repetir que a Madeira tem estado distraída de Cabo Verde. Devia olhar mais para Cabo Verde como arquipélago “irmão” da Macaronésia? Sim, e Cabo Verde também devia olhar mais para a Madeira como exemplo a seguir. A

Madeira tem uma formação que podia dar e tinha toda a obrigação de dar a Cabo Verde. Só fazia com que ambas as partes ganhassem.

Dou um exemplo: eu acompanho a Madeira todos os dias nas notícias, de diversas formas. E na Madeira, por exemplo, no sector das pescas, existem algumas condicionantes com o atum que aqui não existem. Nós estamos a falar do mar, onde existe mais ‘big game fishing’, que são pescas por pescadores profissionais, e onde existem os maiores peixes do mundo. E fica tão perto da Madeira que eu não entendo porque é que nós não investimos mais neste destino, quando os espanhóis, os italianos e os noruegueses já cá estão.

Por exemplo, há aqui uma empresa que tem participação financeira espanhola de transformação de atum: fazem atum em lata, fazem pizzas, fazem tudo e mais alguma coisa com atum e outros peixes. E, no entanto, nós ainda pensamos que na Madeira – e é esta falta de humildade que a nossa ilha tem – que é pensarmos que somos os melhores em tudo. E, no entanto, há tanto mundo para descobrir (...).

Se eu continuasse na Madeira, provavelmente era um empregado de mesa. Cá fora sou um director-geral. Em Angola também.

Sente saudades da sua terra natal? Sim, tenho saudades da Madeira, mas sinto-me um pouco magoado com a hotelaria madeirense. Porque vejo pessoas a serem valorizadas por serem “filhos de alguém”. Vejo pessoas a serem valorizadas, até algumas com qualidade duvidosa. E, no entanto, aqueles que são bons e vão para fora nunca são valorizados. E há muitos casos.

Há pouco tempo, um jovem madeirense em Évora, que na Madeira ninguém lhe dava valor – era o número dois ou três de um grande chefe regional – em pouco tempo conseguiu ganhar uma estrela Michelin. No entanto, na Madeira nunca teria tido essa oportunidade.

Acho que é essa parte da castração que fazem aos profissionais do turismo: não os deixam pensar que podem ser mais, não os deixam pensar que podem atingir mais. Foi isso, na verdade, o que me fez sair da minha ilha.



CABO VERDE DEU-ME A OPORTUNIDADE QUE A MADEIRA NUNCA ME DEU. MUITAS VEZES, O NOME VALE MAIS DO QUE O VALOR PROFISSIONAL

AO TURISMO MADEIRENSE FALTA ORGANIZAÇÃO E CORAGEM. TEMOS DE OLHAR PARA OS ANOS 80 E 90 E VER ONDE FALHAMOS

Atenção: eu amo a minha ilha, amo o turismo, mas o nosso turismo tem muito para dar e tem muito para crescer, apesar de dizerem que já está esgotado. Eu acho que não está esgotado.

O que é que falta? Falta organização e falta coragem. Temos de ter alguém no turismo com coragem para fazer a diferença. Eu olho para o exemplo do senhor João Carlos Abreu. Não era licenciado, mas era meritocrático. Mesmo sem licenciatura, tomava decisões que tornaram sustentável o nosso turismo: o carnaval, a Festa da Flor e muito mais. Houve um profissionalismo dos anos 70, 80 e 90 no turismo que desapareceu. Acho que o turismo na Madeira tem de ser repensado. Temos de olhar para os anos 80 e 90 e ver onde falhámos, porque houve aqui uma falha. E o problema é que não assumimos que falhámos. Dizemos sempre que estamos melhores, que fazemos mais dinheiro, mas fazer mais dinheiro não significa estar melhor.

Para mim, como profissional, que sou bem visto aqui em Cabo Verde, em África e no Reino Unido...

Não se sente bem visto na Madeira? Ou não se sente visto de todo? Eu não quero ser visto na Madeira; quero ser valorizado pelo que sou. Sabe o que Cabo Verde e Angola me deram que a Madeira nunca me deu? Oportunidade de trabalhar e conquistar. Na Madeira nunca teria tido oportunidade de ser director; fui em Angola, fui melhor director de F&B [Alimentos e Bebidas] em Angola, melhor director de África. Cabo Verde deu-me a oportunidade de ser director-geral. Eu não trabalho para prémios, trabalho para as minhas unidades e equipas. Isso é uma coisa que nunca posso esquecer: a Madeira, infelizmente, não valoriza as suas pessoas com mérito.

Tem planos para o futuro, eventualmente regressar? Neste momento estou em Cabo Verde. O amanhã é incerto. Tenho oportunidade de ir para a Zâmbia abrir um dos maiores hotéis de África. É um desafio gigantesco. Também já recebi propostas para os Emirados Árabes Unidos, Qatar e Doha. Estou a pensar no que fazer.

Gosto de manter horizontes abertos, mas neste momento não sei se voltar à Madeira seria algo bom. A Madeira é sempre a nossa casa, mas depois de voltar e ver a crítica com que encaramos tudo, ao fim de dois ou três meses queremos sair.

Na Madeira, façamos o que fizermos, vamos ser sempre criticados, muitas vezes por pessoas que nem sabem quem somos nem o que fazemos. E isso é muito frustrante.

A Madeira é um fado contínuo, daqueles fados tristes que nunca conseguem ser positivos. E tem um potencial tão grande... bastava mudar um pouco a mentalidade, começar a aceitar as coisas como elas são e criar condições para que elas melhorem, para o bem de todos, não apenas por benefício pessoal.